

A Idade Maior do cinema português?: “E Agora? Lembra-me”, de Joaquim Pinto Vence prémio Abraccine para Melhor Filme

Por Paulo Portugal (Portugal)

Há filmes assim. Dominados por uma pulsão interior, pela teimosia ou necessidade de acontecer, pela recusa da submissão à conformidade, seja ela de tema, formato ou género cinematográfico. E não será assim que boa parte do melhor cinema português de autor acontece? No entanto, outros há ainda que parecem sublimar essa dimensão, dotando-lhes o sentido da vida. E é aí que colocamos “E Agora? Lembra-me”, o documentário de Joaquim Pinto que apaixonou a crítica no 18º CinePE. Justamente, o júri da Abraccine concedeu-lhe também a maior graça. Uma aclamação que sucede aos três prémios no festival de Locarno, o ano passado, bem como o prémio do DocLisboa.

A esse propósito torna-se incontornável recuperar algumas das palavras mais belas escritas sobre este filme, repetindo o cuidado e a entrega com que o saudoso João Carlos Sampaio se referiu ao filme numa das suas últimas críticas, em Recife: “Dores no corpo e na alma diante da angustia de ter os dias contados... E esse dolorido confrontado com um estranho ‘carpe diem’. Um jeito de lidar com o tempo que resta, que não se submete ao desespero pela alegria, ou ao arrebatamento da festa, mas por algo que é quase o oposto da euforia. Uma celebração quase religiosa do tempo, como se um dia inteiro coubesse numa tarde morna, acomodada em afetos demorados, intensos sentimentos e silêncios... Tô falando de E Agora? Lembra-me, filme do português Joaquim Pinto, exibido no 18º Cine PE. Coisa finíssima!”

Este é, então, um filme de vida, de uma luta física, de um perpetuar de gestos, afetos, momentos. É também uma luta contra o imponderável, contra a doença, mas também a vontade de criar, de plantar. Um rascunho para deixar memória viva, para si e para os vencidos pelo vírus. Em pano de fundo, um país que arde, que se consome numa crise (existencial?). Talvez por isso tudo, Joaquim se tenha isolado numa ilha dos Açores, com o seu companheiro, Nuno Leonel, peça fundamental deste filme, que cresce em dimensão à medida que progredimos. E os cães. Apesar de tudo uma família numerosa.

Escutamos no início que o realizador começou por apontar num calendário “os dias bons e os dias maus”; mas logo acabando por desistir, pois “eram quase todos maus”. É assim, sob forma de diário do prolongado convívio com o vírus HIV e hepatite C, num intenso vaivém entre Lisboa e Madrid para testar novas terapias, que E Agora? Lembra-me cresce ao longo desses 164 minutos. Pelo caminho parecem até ficar algumas sobre a possibilidade de outros tantos filmes.

Sobretudo, a partir do momento em que Nuno Leonel passa a ter uma parte mais evidente neste ‘diário de bordo’. Vê-se na intenção da câmara que parece escutar a intimidade de Joaquim, mas também da sua relação como casal, do convívio com os (poucos) habitantes da ilha. Com o Pai numa das mais tocantes sequências.

Há quem diga que o filme ganharia com menos tempo. Será assim? Não creio. Este não é o filme de entretenimento, não é o filme conforme ao género, formato ou tema cinematográfico. Este é um filme que celebra a vida. Enquanto existe. Por isso se agarra a ele. E é aí que o cinema acontece. Como documento, como pedaço de vida. “E Agora? Lembra-me” é também o celuloide da memória, sobretudo quando ela nos trai. O filme da memória, da luz e dos sons de Joaquim Pinto. Por isso mesmo, uma escolha tão calhada na curadoria de Rodrigo Fonseca.

Apesar da falta de subsídios, esse respeito seria injusto não mencionar “1960”, de Rodrigo Areias, um outro documentário português também ovacionado no Cine PE. Este documento em forma de “road movie” dá eco ao “diário de bordo” do arquiteto Fernando Távora, sempre em formato Super 8, relatando a sua viagem à volta do mundo, capturando o seu olhar sobre as gentes locais refletido na paisagem arquitectónica. De Tóquio, Nova Iorque, México, Moscovo, Los Angeles, São Paulo Egípto e, em particular, Taliesin, onde o arquiteto relata a emoção de se reencontrar com a

residência de Frank Lloyd Wright, bem como a sua tumba, afinal de contas, o destino de Távora. É a intencionalidade na montagem de Areias, aliada ao relato e imagens de Távora entre as gentes, a cultura, a arquitetura e o seu próprio esboço sobre cada local. Muito eficaz e inesperadamente sedutor.

Diante filmes como estes, não vale a pena esconder a cabeça debaixo da asa, gritar às instâncias mais altas a falta de subsídios, carpir as mágoas do sempre adiado cinema português que não conquista o seu público. Já agora, nem sempre a palavra crise serve para justificar a alma ferida ou a falta de inspiração do fado lusitano. O cinema português existe e a sua teimosia revê-se nestes filmes e nas curtas multi-premiadas – o tal cinema sem meios -, mas também no empenho de um punhado de produtores e realizadores teimosos com vontade de remar contra a corrente. E os exemplos são tantos.

Veja-se o aplauso generalizado a “Tabu”, de Miguel Gomes, vencedor do Prémio Alfred Bauer, em Berlim, em 2012, ou a Palma de Ouro a João Salaviza, pela curta “Arena”, em 2009, seguida do Urso de Ouro, com “Rafa”, em 2012. Aliás, o formato de curta metragem tem obtido um notável crescimento na cinematografia portuguesa. Fruto talvez do crescimento de festivais como o Indie Lisboa, onde estreou o novo de Joaquim Pinto, “O Novo Testamento de Jesus Cristo, segundo João”, assinado pela dupla Joaquim e Nuno Leonel, bem como o Curtas de Vila do Conde, o DocLisboa, o Festival de Cinema Luso Brasileiro, de Sta Maria da Feira, todos eles responsáveis pelo pulsar criativo de tantos cineastas lusos.

Têm sido inúmeros os portugueses a singrar pelas maiores montras de cinema europeu que citar apenas alguns pecaria forçosamente por defeito, mas serão incontornáveis os nomes de João Pedro Rodrigues e João Rui Guerra da Mata (“A Última Vez que Vi Macau”), Gonçalo Tocha (“É na Terra Não é na Lua”), ambos reconhecidos em Locarno; Basil da Cunha (“Até Ver a Luz”), marcou presença o ano passado em Cannes, apesar de ser presença regular em Locarno, a par da pequena legião de cineastas promissores que vai conquistando o seu terreno. Falamos de João Viana (“Tabatô”), o ano passado em Berlim, Diogo Costa Amarante (“As Rosas Brancas”) e Gabriel Abrantes (“Taprobana”), este ano; João Nicolau (“Gambozinos”), Cannes 2013. Entretanto, este ano, será a vez de Margarida Rego, mostrar o que vale na secção de curtas metragens da Quinzena dos Realizadores, com a animação experimental (“Caça Revoluções”), ao passo que Carlos Conceição, se mostra na Semana da Crítica, com a ficção “Boa Noite Cinderela”.

Será esta a Idade Maior do cinema português? Talvez não seja, contudo avista-se caminho que se faz cada vez com mais exemplos que se destacam nas montras internacionais e deixam a marca do seu cinema. Até porque um cinema com uma dimensão reduzida e praticamente sem apoios dificilmente passará do bloco de boas intenções e de um eventual reconhecimento festivaleiro. Já sabemos que pedir uma adesão do público se afigura como uma tarefa hercúlea, sobretudo quando o espetador de cinema tem raríssimas oportunidades de ver cinema ‘made in Portugal’. E errado seria tentar transformar o cinema português num cinema pipoca para obter sucesso. Aliás, os (maus) exemplos demonstram-se por si. Felizmente temos os casos de Joaquim Pinto e do realizador-produtor Rodrigo Areias (aguardamos o seu novo filme “Organização do Espaço”) - bem como muitos dos já citados -, afinal de contas duas gerações diferentes mas com um cinema de fortes intenções cinéfilas. Encontrá-los-emos num festival perto de si.